

As Festividades e a Inauguração do Ciclo Militar no Calendário Romano: uma análise das Equírrias e Tubilústrias nos *Fastos* de Ovídio (Séc. I d.C.)

Thiago Eustáquio Araújo Mota

Universidade de Pernambuco
Petrolina - Pernambuco - Brasil
thiago.mota@upe.br

João Wictor Medrado Silva

Universidade de Pernambuco
Petrolina - Pernambuco - Brasil
joao.wictor@upe.br

Resumo: Composto em dísticos elegíacos, os *Fastos* de Ovídio trazem valiosas informações sobre os ritos e as festividades em Roma que, convencionalmente, são divididas entre as festas do ciclo agrário, festas cívicas e aquelas de cunho bélico. Caracterizado como um poema didático, o texto mescla informações técnicas com divertidos excursus mitológicos ao retratar a etiologia das festas, templos e rituais romanos. O artigo em questão optou por se debruçar sobre a problemática das festividades, principalmente, as do ciclo bélico (Equírrias e Tubilústrias) que apresentam os dispositivos rituais de preparação para a guerra, além de problematizar as construções poéticas de Ovídio na descrição destas cerimônias religiosas.

Palavras-chave: Festividades. Calendário Romano. Ciclo Bélico. Ovídio. Equírrias. Tubilústrias.

Introdução

Como instituição da cidade-estado antiga, o calendário regia não apenas os labores do campo, mas coordenava toda a atividade religiosa e cívica. Por meio do contato com as Civilizações do Oriente Próximo as sociedades mediterrânicas aprenderam a demarcar a regularidade das fases lunares e o ciclo de visibilidade de algumas estrelas e constelações, como é possível perceber através das *parapegmata* dos gregos (EVANS, 1998, p. 199-204). Uma espécie de tábua astronômica arcaica utilizada para a previsão do ciclo das estações. Por meio da observação sistemática, matemáticos e astrônomos, como Eudóxo de Cnidos (Séc. IV a.C.) e Erastóstenes (Séc. III a.C.), buscaram traduzir a mecânica celeste em termos de leis universais, construindo sistemas cada vez mais precisos de medição do ano solar.

Na tradição literária latina, a instituição do primeiro calendário romano é atribuída a Rômulo. De acordo com o pesquisador Manuel Nunes Marques, este calendário romúleo,

aparentemente, “não possuía qualquer base astronômica, pois os períodos nele definidos não tinham qualquer relação com os movimentos do Sol ou da Lua” (MARQUES, 2000, [s.p.]). Algumas mudanças foram atribuídas ao sucessor, Numa Pompílio, como, por exemplo, a instituição do ciclo lunar sendo que este sistema vigorou em boa parte do período republicano. A regularidade e precisão do calendário eram constantemente comprometidas, uma vez que a elite política fazia alterações ao seu bel prazer. Ainda segundo Marques, “os pontífices alongavam ou encurtavam o ano conforme os seus amigos estavam ou não no poder” (MARQUES, 2000, [s.p.]).

As reformulações no calendário acompanharam as mudanças institucionais decorrentes da crise da República, no Século I a.C. Em proximidade com os astrônomos de Alexandria e alinhado com a forma de governar das monarquias helenísticas, César instituiu o ano solar de 365 dias e $\frac{1}{4}$ em Roma e, com o advento do Principado de Augusto, a memória da *Gens Iulia* foi, definitivamente, atrelada ao calendário cívico com a renomeação do mês *quintilis* para *iulius* e *sextilis* para *augustus*. Dessa maneira, “decidido a acabar com os abusos dos pontífices, chamou a Roma o astrônomo grego Sosígenes, da escola de Alexandria, para que examinasse a situação e o aconselhasse nas medidas que deveriam ser adotadas” (MARQUES, 2000, [s.p.]). As mudanças de Júlio César implicaram na abolição do sistema lunar quando Roma, “adotou o calendário solar, que passou a ser conhecido por Juliano e começou a vigorar no ano 709 de Roma (45 a.C.)” (MARQUES, 2000, [s.p.]).

Para além dos vestígios epigráficos de calendários descobertos pela Arqueologia (como, por exemplo, os *Fasti Antiates Maiores*¹ e os *Fasti Praenestini*²), o poema composto por Públio Ovídio Nasão, intitulado *Fastos* (em latim, *Fasti*) é uma das principais fontes da Antiguidade para o conhecimento do calendário romano e de seus respectivos ciclos festivos. Composto em dísticos elegíacos, os *Fastos* de Ovídio trazem valiosas informações sobre os ritos e as festividades em Roma que, convencionalmente, são divididas entre aquelas do ciclo agrário, as festas cívicas e aquelas de cunho bélico. O artigo em questão se debruça sobre a

¹Os *Fasti Antiates Maiores* compreendem dezenas de fragmentos pintados de um calendário datado da primeira metade do século I a.C. Estes fragmentos foram descobertos no início do século XX em uma escavação na cidade de Anzio. Atualmente, os *Fasti Antiates Maiores* estão em exibição no Museu Nacional Romano, no *Pallazo Massimo alle Terme*. As imagens do calendário estão disponíveis em: <<https://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/calendar/antiates.html>>. Acesso em 27 de setembro de 2021.

²Os fragmentos deste calendário foram encontrados no Século XVIII e permitem a reconstrução dos meses de Janeiro, Março, Abril e Dezembro. O calendário, originalmente, ficava em exposição no fórum da cidade de Preneste, localizada a leste de Roma. Os fragmentos dos *Fasti Praenestini* também estão em exposição no *Pallazo Massimo alle Terme*. Disponível em: <<https://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/calendar/pranestini.html>>. Acesso em 27 de setembro de 2021.

problemática das festividades, principalmente, as do ciclo bélico (Equírrias e Tubilústrias) que apresentam os dispositivos rituais de preparação para a guerra, além de problematizar as construções poéticas de Ovídio na descrição destas cerimônias religiosas.

Públio Ovídio Naso e o Gênero da Poesia Didática

Durante o governo de Otávio Augusto, Ovídio compôs um poema didático, em dísticos elegíacos, com o intuito de explicar o calendário romano, suas principais festividades e portentos astronômicos. A historiadora Ana Lúcia Santos Coelho, no texto “Naso Magister erat: A biografia de Públio Ovídio Naso”, traz as seguintes informações acerca da biografia do poeta,

embora o poeta tenha escrito uma variedade de trabalhos, os pesquisadores de Literatura Latina comentam, em geral, que não há uma biografia única a seu respeito [...] desse modo, grande parte do que sabemos sobre a vida de Ovídio vem de suas próprias declarações (COELHO, 2016, p. 38).

Com base nas informações extraídas de sua produção poética é possível inferir que Ovídio nasceu por volta do ano 43 a.C., na cidade de Sulmo (atual Sulmona), na região central da Península Itálica, localizada a leste de Roma. Ovídio teve uma breve passagem pela política, ocupando cargos como de *Tresviri Capiales*³ e *Centumviri*⁴, mas após essa breve estreia na carreira política o poeta decidiu abandonar o *cursus honorum* e entrou, de vez, no mundo da literatura, decisão que seu pai não aprovou nem um pouco. O descontentamento do pai com a escolha de Ovídio está patente nas declarações do poeta em *Tristia* quando diz o seguinte: [*Saepe pater dedit 'studium inutile tempta? Maconides nullas ipse relinquit opes.*] (OVÍDIO, *Tristia*, IV, X, 21-22), [Muitas vezes meu pai disse: ‘Por que você realiza uma busca inútil? Nem mesmo Homero deixou riquezas.’] (Trad. de Ana Lúcia Santos Coelho). Com muita persistência e talento Ovídio atraiu a atenção de patronos e outros poetas, como é o caso de Marco Valério Messala Corvino (64 a.C. - 13 d.C.), que se transformou em seu protetor.

Quando Ovídio completou seus 50 anos, uma reviravolta transformou drasticamente sua carreira poética visto que foi banido pelo Imperador para a Ilha de Tomos, nas margens do Mar Negro. A causa desse banimento é obscura já que não sabemos, ao certo, o que motivou essa medida de Augusto e o poeta se recusou a comentar o episódio. Na coleção de cartas

³ “Um dos cargos eletivos que precedia a entrada no Senado, cuja função era realizar prisões e execuções” (COELHO, 2016, p. 39).

⁴ “Por volta dos 25 ou 30 anos, o poeta de Sulmona tornar-se-ia membro de *Centumviri* (Corte Centúria), servindo como uma espécie de juiz em processos particulares” (COELHO, 2016, p. 40).

poéticas, conhecida por *Tristia*, ele afirma o seguinte: [*Causa meae cunctis nimium quoque nota ruinae indicio non est testificanda meo*] (OVÍDIO, *Tristia*, IV, X, 99-100). [A causa da minha ruína, muito conhecida por todos, não será revelada por minhas evidências.] (Trad. de Ana Lúcia Santos Coelho). Algumas suposições foram levantadas, uma delas seria que o poeta, de alguma forma, teria ofendido Augusto quando publicou um de seus poemas, [*Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error*] (OVÍDIO, *Tristia*, II, 207). [Dois crimes me levaram à ruína, um poema e um erro.] (Trad. de Ana Lúcia Santos Coelho). Vale ressaltar que essa hipótese não tem muito fundamento, pois, como afirma o historiador José Luís Brandão Francisco Oliveira, no livro *História de Roma antiga*,

Ovídio não diz nada que não tivesse já sido dito por neotéricos e elegíacos, herdeiros da poesia alexandrina e da Antologia Palatina, e de forma muito mais ofensiva para a ideologia augustana, ou mesmo que não estivesse já delineado na comédia nova, na comédia latina, na sátira de Lucílio, em Lucrécio e Horácio (OLIVEIRA, 2020, p. 58).

A segunda hipótese está relacionada à suspeita de adultério, a partir dos rumores de envolvimento com a neta de Augusto, Júlia Menor, que foi banida para a ilha de Trimerus no ano 8 d.C., ainda assim, vale ressaltar que não existe um conjunto robusto de evidências que confirme essa hipótese. Segundo Coelho, “o envolvimento do poeta poderia ser apenas uma simples coincidência” (COELHO, 2016, p. 43) e a historiadora conclui que “é tentador pensar que Ovídio estaria envolvido de alguma forma e, por causa disso, foi punido” (COELHO, 2016, p. 43).

Muito provavelmente, foi durante o exílio que Ovídio compôs os *Fastos*, destoando um pouco das obras publicadas até então, como é o caso das elegias eróticas *Amores*, *Remédio de Amor* e *Arte de amar*, sendo este último poema um guia prático para a conquista de parceiras e parceiros nos vários espaços da *urbs*. A obra foi dedicada a Germânico Júlio César, filho de Druso Nero e Antônia, como pode ser visto no seguinte trecho dos *Fastos*: [*Excipe pacato, Caesar Germanice, Voltu hoc opus et timidae derige nauis iter*] (OVÍDIO, *Fastos*, I, v. 3-4). [Com olhar pacato acolhe, ó Germânico, esta obra, e da tímida nau abranda o curso (Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior). Pode-se ter uma ideia também da datação dos *Fastos*, pois o título Germânico é agregado ao sobrinho de Tibério apenas no ano 7 d.C., quando o mesmo está com seus 25 anos, portanto, outro questionamento surge: por que ele dedicou os *Fastos* para Germânico? A suposição mais clara é que Ovídio, naquele momento, percebia no sobrinho de Tibério, um dos preferidos da *domus* de Augusto, a possibilidade de reintegração aos círculos literários e de influência da capital. Além disso era, provavelmente, do conhecimento do poeta o interesse do jovem pela erudição astronômica uma vez que é

atribuída a Germânico uma tradução, em setecentos e vinte e cinco hexâmetros latinos, do poema *Phaenomena* de Arato e de outro poema menor, intitulado *Prognostica* (FUCECCHI, 2011, p. 55, ŠEVČÍKOVÁ, 2016).

Mas do que exatamente se tratam os *Fastos*? O tradutor, Márcio Meirelles Gouvêa Júnior sintetiza na introdução dos *Fastos*: “Calendário poético composto em dísticos elegíacos, no qual o poeta ambicionou que fossem reunidas as principais efemérides político-religiosas, astronômicas e meteorológicas, e suas causas, etimologias e etiologias, celebradas em Roma no início da era imperial” (GOUVÊA JÚNIOR, 2015, p. 11). Do conjunto da composição, nos chegaram apenas seis livros sendo, cada um deles, referente a um mês do ano. O próprio poeta conta que escreveu, em sua totalidade, os doze volumes. Em *Tristia* ele afirma o seguinte:

[*Sex ego fastorum scripsi totidemque libello
cumque suo finem mense libellus habet/
idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesea
Et tibe scrutum sors mea rupit opus.*] (OVÍDIO, *Tristia*, II, 548-52).

[Escrevi seis e mais outros seis livros dos Fastos,
e eles contêm, cada qual, os seus meses;
essa obra foi recentemente dedicada a ti, César,
mas minha sorte a interrompeu.] (Trad. de Maria Lia Leal Soares).

Entretanto, os livros referentes aos meses de agosto a dezembro não nos chegaram. Do ponto de vista dos gêneros literários, os *Fastos* são categorizados como poema didático, ou seja, um poema que se propõe a instruir o seu público de leitores/ouvintes, ao mesmo tempo em que confere fruição estética e deleite. Assim, em mais de quatro mil e duzentos versos, os *Fasti* exaltam a pujança do ciclo anual romano, em uma espécie de poesia didática que mescla elementos técnicos com divertidos *excursus* mitológicos e históricos. O pesquisador Matheus Trevizam, em seu livro *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*, compartilha algumas indicações de entendimento sobre este gênero poético, propostas pelo classicista, Peter Toohey. Destacam-se dentre elas: a existência de um único emissor de preceitos e saberes que, discursivamente, se dirige a um discípulo ou grupo de interlocutores a serem instruídos (TREVIZAM, 2014, p. 30). Além do mais, ele chama a atenção para o que seriam “painéis ilustrativos” que; “correspondem a pausas na estrita preceituação, com efeitos de variação expositiva dos temas e mudanças de modo discursivo, com muita frequência, do gesto de instruir para o do descrever (um país, um local...) e o do narrar” (TREVIZAM, 2014, p. 30).

As propostas de classificação deste gênero literário, contudo, não podem ser compreendidas como uma camisa de força teórica, uma vez que cumpre considerar as particularidades estilísticas e os artifícios poéticos de cada obra investigada. Ovídio, em muitas

ocasiões, renuncia à condição de *magister*, emissor único de preceitos, ao invocar deuses e deusas (Jano, Vênus, Marte, Vesta, entre outros) para um diálogo, no qual se coloca na condição de vate, poeta inspirado pelas potestades, mas também de humilde aprendiz sobre as festas do ano e coisas sagradas (*sacra*).

Maria Lia Leal Soares (2007, p. 14) destaca que, até o contexto histórico de Ovídio, não havia qualquer esforço de delimitação teórica de um gênero didático, uma vez que poetas como Hesíodo, Arato, Teócrito, Lucrécio eram comumente inseridos dentro da categoria épica, a exemplo da *Institutio Oratoria* de Quintiliano. Apenas com um gramático da Antiguidade Tardia, Diómedes (Séc. IV d.C.), obras como a *De Rerum Natura*, de Lucrécio e as *Geórgicas* de Virgílio foram compreendidas como exemplares da *didascalice*, uma subespécie do *genus enarratum* (SOARES, 2007, p. 14; TREVIZAM, 2014, p. 25).

Quintiliano tem por critério a métrica ao classificar como epopeias algumas das composições que hoje, convencionalmente, são melhor compreendidas por poemas didáticos. Desde Hesíodo, a poesia didática lança mão do metro épico por excelência, ou seja, o hexâmetro dáctilo. No entanto, os *Fastos* são compostos em dísticos elegíacos, um metro muito familiar a Ovídio. O dístico elegíaco também propõe uma composição métrica particular, sendo formada por hexâmetros, que se trata de “uma sequência de seis pés métricos acentuados, em que se alternam, da primeira a quinta posição, dáctilos (sequência formada por uma sílaba longa e duas breves) e espondeus (sequência de duas sílabas longas), sendo chamado hexâmetro dactílico aquele cuja quinta posição é ocupada por um dáctilo” (MOURA, 2007, p. 58); e por pentâmetros, que têm a mesma composição do hexâmetro, mas, nesse caso, com cinco pés métricos. A esse respeito o linguista Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón (2009, p. 77-78) diz o seguinte: “era como se o dístico começasse prometendo um poema elevado, por causa do metro épico, mas quebrasse a promessa no segundo verso, ao desfazer o ritmo grave”; ou seja, “o dístico consiste numa promessa de elevação, seguida de uma frustração”. Márcio Gouvêa Júnior (2015, p. 25), como opção de tradução, propôs uma alteração para o verso dodecassílabo e um decassílabo e explica, “algo da proporção do modelo rítmico antigo composto pela repetição dos seis e cinco pés métricos latinos ressoa na sequência atual das doze e das dez sílabas”.

Os Ciclos Festivos no Calendário Cívico-Religioso Romano

Os *Fastos* trazem informações valiosas sobre os procedimentos rituais e a organização das festas que, basicamente, se dividem entre aquelas do ciclo agrário romano

(como as *Cerealia*, *Vinalia*) e aquelas reguladoras da vida cívica (como as *Vestalia* e as *Carmentalia*). Segundo Norberto Luiz Guarinello (2001, p. 971), essas festividades compreendiam um momento de suspensão das atividades diárias implicando uma concentração da atenção, recursos e afetos dos participantes, comprometidos na tarefa de honrar a divindade em busca de sua indulgência. As festividades romanas ganham destaque na obra do poeta. No que diz respeito ao conceito de festa, Guarinello oferece algumas explicações para o termo em seu texto “Festa, trabalho e cotidiano”.

As festas, além de ter uma participação ativa do coletivo (coletivo esse que pode ser uma sociedade como um todo ou um pequeno grupo dentro dela) “aparecem como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como na comemoração de eventos singulares” (GUARINELLO, 2001, p. 971). Além disso, a festa não precisa ter uma base fixa no tempo, pois está sempre se moldando com a época ou com o próprio objetivo da festividade. De acordo com Guarinello (2001, p. 971), “o objeto focal pode ser, assim, sagrado ou profano, antigo ou recente, pode estimular as mais diferentes sensações, como euforia, fé, liberação, constrição, superação, êxtase, etc.”. Portanto, as festas são um dos principais fatores para o funcionamento de uma sociedade, como conclui Guarinello (2001, p. 972),

A festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade.

No que diz respeito às festividades descritas nos *Fastos*, Márcio Gouvêa Júnior (2015, p. 12) destaca a importância da obra de Ovídio para a memória desses eventos, “os *Fastos* ditariam o ritmo das festas diárias que celebravam os ritos romanos e os títulos do imperador”. Os dias de repouso em honra dos deuses eram denominados *feriae* pelos romanos, o que deu origem à palavra feriado em português (FARIA, 1968, p. 394). O conhecimento preciso dos ritos, bem como o momento adequado de executá-los no ciclo do calendário era essencial para a manutenção da *pax deorum*. Nos *Fastos*, as digressões mitológicas cumprem o papel de explicação etiológica para vários destes ritos e festividades, algumas pouco citadas na historiografia. Este poema, por exemplo, é uma das poucas fontes literárias que nos chegou

sobre as *Parentalia*⁵ e as *Feralia*⁶, festas dedicadas aos mortos que ocorriam no mês das purificações, ou *februarius*. A obra de Ovídio também fornece pistas sobre a mecânica da organização do tempo, vestígios da reforma juliana, assim como as reminiscências do calendário arcaico, atribuído ao rei Numa Pompílio.

John Scheid propôs a seguinte categorização para as festas cívico-religiosas que podemos delimitar na obra ovidiana. Festas agrárias, que estão mais concentradas no mês de abril como, por exemplo, as Cereálias⁷, as Vinálias⁸ e as Robigálias⁹. As denominadas festas cívicas, associadas aos ritos de purificação que aparecem em fevereiro como, por exemplo, as Lupercálias¹⁰ e as festas associada ao culto dos ancestrais mortos, como as Parentálias e as Ferálias. Por fim, é possível delimitar, ainda nos *Fastos*, as festas de cunho militar que marcam o início e fim do ciclo bélico, como, por exemplo, as festas denominadas Equírras e Tubilústrias (SCHEID, 2003, p. 48-52). Tendo em vista esta classificação, bem como a própria delimitação de espaço e tempo, no presente trabalho optamos por mapear e analisar estas duas festividades do ciclo bélico presente na obra de Ovídio.

A religião na Antiguidade Romana esteve diretamente associada às instituições cívicas, políticas e militares da *urbs* e não pode ser considerada como uma dimensão separada do cotidiano. Roma foi reconhecidamente uma cidade de tradição politeísta, ou seja, rendia culto a inúmeras potestades, personificações de valores e de forças da natureza. Na introdução do seu livro *Emperor Worship and Roman Religion* Ittai, Gradel (2002, p. 05) procura delimitar alguns pressupostos básicos da religião romana. Segundo o estudioso, *religio* é um conceito que muito se aproxima da noção de *pietas* na medida em que remete ao senso de diligência e obrigação para com os superiores, entre os quais figuram os deuses, antepassados.

Apesar de compreender religião como diálogo e mediação entre humanos e a esfera divina, por meio da comunicação preservada na ação ritual, Gradel (2002, p. 05) entende que a noção de “outro mundo”, como um domínio distante e excludente do humano, não encontra

⁵ Durante nove dias do mês de Fevereiro, os romanos celebravam a memória dos mortos, nesta ocasião, visitavam os túmulos e levavam oferendas aos parentes falecidos (em latim: *manes*). Sobre as festas dedicadas aos mortos, conferir o artigo de Maria Regina Bustamante, intitulado ‘Lemúria: Apaziguando os Mortos Malfazejos na Roma Antiga’.

⁶ Assim denominado o último dia do ciclo das Parentálias, ou seja, 21 de Fevereiro.

⁷ Festas em louvor da Deusa Ceres que protegia e propiciava boas colheitas.

⁸ Festas de celebração do episódio da vindima e da degustação do vinho novo. Estavam associadas a Júpiter e Vênus.

⁹ Os romanos faziam uma associação entre a ferrugem que ataca as armas, com o fungo (da ordem dos *pucciniales*) que ataca as plantações, com isso a festa era celebrada para aplacar o deus “da ferrugem”, conhecido como Robigus, com o intuito de proteger as plantações do perigo.

¹⁰ Durante este festival os Lupercos, que partiam da gruta do Lupercal, no Palatino, corriam seminus pelas ruas de Roma, batendo nas pessoas com um chicote, confeccionado de pele de cabra. No imaginário religioso romano, este rito de purificação propiciava a saúde e a fertilidade femininas.

ressonância no imaginário romano. *Religiosus* não é aquele que vivencia em seu íntimo a experiência com o divino, movido pela fé ou pela emoção, mas aquele que observa os ritos adequadamente e cumpre, oficiosamente, suas obrigações para com os deuses e guarda reverência para com as coisas divinas, *res diuinae*. Observar a prática correta, cumprir os ritos adequadamente tinha mais importância para o homem antigo do que o sentimento de fé. Para o autor, a fé e o arrebatamento emocional são aspectos secundários, marginalmente relevantes para o sentido de *religio* (GRADEL, 2002, p. 04).

Em comparação, a *pietas* romana remete a um vínculo e sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais e ancestrais) e que, por sua vez, se estende à cidade, aos deuses pátrios. Como contrário dessa devoção aos vínculos e às obrigações, a *impietas* compreende, segundo John Scheid (2002, p. 26-27), no livro *La Religion des Romains*, um estado de impureza na alma. Consistia em recusar aos deuses as reverências e o lugar ao qual tinham direito. A quebra desse pacto que regia a relação do homem para com os deuses e seus próximos implicava em terríveis sanções morais e religiosas e acarretava riscos para toda a comunidade cívica.

Temia-se, com a inobservância dos ritos e a negligência para com as *res diuinae*, ocasionar a ruptura do pacto estabelecido entre homens e deuses, convencionalmente chamado: *pax deorum*. Segundo Suiany Bueno Silva (2019, p. 16), em sua Tese de Doutorado sobre os prodígios e os ritos de *supplicatio* na *História Romana* de Tito Lívio, parte da historiografia recente que se debruça sobre esta temática entende que os prodígios são, na verdade, a manifestação da ausência de proteção divina (REQUENA JIMENEZ, 2018, p. 493; SANTANGELO, 2011, p. 162). Por sua vez, cada rito de expiação ou sacrifício performado pode ser percebido como uma tentativa de buscar a proteção dos deuses ausentes e renovar os vínculos da *pax deorum* (SILVA, 2019, p. 16).

A organização dos ritos ficava a cargo dos collegia sacerdotais. Segundo Cláudia Beltrão, havia a seguinte separação entre os *collegia*: os regularmente consultados pelo Senado, como o colégio dos *Pontífices*, encarregados de aconselhar o Senado sobre as questões referentes aos *sacra*, o colégio dos *Augures* que eram especializados na observação dos eventos celestes e na leitura dos presságios relacionados às aves, os *Tres/ Semptemviri Epulones*, que ficavam responsáveis pela supervisão dos jogos romanos e os *Quindecimviri sacris faciundis* que ficavam com a função da consulta dos livros Sibílicos (BELTRÃO, 2006, p. 143).

Haviam os colégios, ocasionalmente, consultados pelos senadores, como o dos *Fetiales* (responsáveis pelos ritos de declaração de guerra/paz) e dos *Haruspices* (especialistas na haruspicina, de origem etrusca) e aqueles grupos, estruturados em confrarias, encarregadas

de cultos e festividades específicas como os *Salii* (Marte), *Luperci* (Lupercália) e *Fratres Arvales* (Dea Dia) (BELTRÃO, 2006, p. 143). Entre estes colégios sacerdotais existia uma espécie de hierarquia e estavam submetidos à autoridade do Pontífice Máximo, sendo o mais alto cargo religioso em Roma; “tudo estava sujeito a ele e era ele quem controlava, zelava e preservava toda a vida e a tradição religiosa” (SCHEID, 1991, p. 34). Portanto, os cargos de pontífices tinham um peso tão grande que alcançava todas as bases religiosas de Roma, como afirma Scheid (1991, p. 34) no seguinte trecho: “vale acrescentar que a competência e a jurisdição dos pontífices alcançaram todos os níveis da vida religiosa”.

No que concerne ao ciclo de atividades militares, objeto de interesse deste artigo, um conjunto complexo de ritos propiciatórios buscava atrair o aval dos deuses para o sucesso das expedições organizadas contra os inimigos. A historiadora Claudia Beltrão (2010, p. 101) discute sobre a origem dos feciais (em latim: *fetiales*), colégio sacerdotal que a tradição literária romana remete ao período dos reis. Em seu texto “Guerra, direito e religião na Roma tardo-republicana”, ela explica que esse era “um colégio sacerdotal composto por vinte membros, encarregado dos ritos de declaração de guerra e paz”, portanto, os feciais ficavam encarregados dos ritos que davam início ao estado de beligerância, com o intuito de trazer o apoio divino para as campanhas militares.

A autora acrescenta o seguinte: “na República Tardia, os *fetiales* atuavam junto ao Senado, aconselhando os senadores no que tangia aos procedimentos corretos para as declarações de hostilidade e outros temas que, em nossos termos, diríamos relativos às relações internacionais” (BELTRÃO, 2010, p. 99-100). Contudo, ao problematizar sobre a proveniência dos feciais, Beltrão ressalta que as informações das fontes são desconhecidas e não havia consenso entre os próprios autores da Antiguidade sobre a origem e o exato contexto de fundação deste colégio. Dionísio de Halicarnasso afirma que o colégio foi instituído por Numa Pompílio, já Tito Lívio declara que sua origem vem de Anco Márcio, mas a autora destaca o seguinte: “Tanto T. Lívio quando Dionísio garantem que o colégio era proveniente dos *aequicolae*, um ramo dos *équos*, um povo que vivia no Nordeste do Lácio, e havia instituições semelhantes entre outros povos latinos” (BELTRÃO, 2010, p. 99).

As Equírrias e Tubilústrias

Na percepção dos romanos, sua força bélica não residia apenas em seu efetivo de soldados mobilizáveis, nas habilidades táticas ou no equipamento, mas repousava também na correta observância dos ritos bélicos, pré e pós-guerra, que tinham o intuito de captar a

atenção das divindades romanas para proteger e auxiliar os soldados durante a marcha e no campo de batalha. A mesma coisa acontecia no encerramento de determinada campanha militar, sendo o ex voto e doações aos templos das divindades uma forma de agradecer o sucesso das empreitadas. Ovídio ao escrever os *Fastos* introduziu várias informações sobre as *feriae* bélicas, mas tratamos de duas neste artigo: as Equírrias, que são uma festa e competição, sendo realizada em duas ocasiões, uma no mês de fevereiro e a outra no mês de março e, por fim, as Tubilútrias, que também ocorriam em dois momentos, marcando o início do ciclo bélico dos *Fastos*.

No final do mês de fevereiro era celebrada a primeira Equírria que era ao mesmo tempo uma competição equestre e uma festividade popular. Ao trazer a definição das Equírrias, as historiadoras Norma Musco Mendes e Airan dos Santos Borges (2008, p. 84) no texto “Os calendários romanos como expressão de etnicidade”, destacam que as corridas eram “celebrações realizadas em honra de Marte (...) pertenciam ao conjunto de festas que consagravam o ‘ciclo’ guerreiro e se realizavam por meio dos ritos empreendidos na purificação dos cavalos de guerra”. Ovídio aproveita para trazer uma etiologia para a criação dessa festividade, que estava diretamente ligada ao deus da guerra. O poeta narra o seguinte:

[*Marsque citos iunctis curribus urget equos; ex uero positum permansit Equirria nomen, quae deus in campo prospicit ipse suo.*] (OVÍDIO, *Fastos*, II, v. 858-860),
 [Marte co’o carro impele os dois equinos – permanece, de fato, o nome das Equírrias porque o deus em seu campo os procurou.] (Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior).

Ao voltar para o quesito militar, vale ressaltar que a primeira Equírria, celebrada em 27 de fevereiro, marcava, provavelmente, a preparação para a guerra, pois nessa data ainda estaria acontecendo a transição do inverno para a primavera e os soldados romanos, costumeiramente, não faziam campanhas militares no inverno. Já em 14 de março, a segunda Equírria era celebrada, como pode-se verificar no seguinte trecho do Livro III:

[*Sex ubi sustulehit, totidem demerserit orbis purpureum rapido qui uehit axe diem, altera gramineo spectabis Equirria campo.*] (OVÍDIO, *Fastos*, III, v. 517-519)
 [Quando o deus que transporta o dia em lesto carro subir e mergulhar o sol seis vezes, outras Equírrias tu verás no ervoso campo.] (Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior).

Conhecemos um pouco mais sobre esta competição por meio de uma fonte bizantina intitulada “Sobre os Meses”, *Περὶ τῶν μηνῶν* (em latim *De Mensibus*), de autoria de um administrador e antiquarista, Ioannes Lydus, ou ‘João, o Lídio’ (Séc. V d.C.). Segundo este autor, os competidores da Equírria eram divididos em três grupos, de acordo com a divisão da

população romana em tribos, e eram representados pelas cores: verde, vermelho e branco (JOANNES LYDUS, *De Mensibus*, 30). João, o Lídio, informa ainda que os vencedores da corrida eram agraciados com coroas circulares (στέρφανοι κυκλωτερεῖς) em alusão ao próprio formato elíptico do hipódromo, onde os carros competiam (JOANNES LYDUS, *De Mensibus*, 30).

Varrão sugere que a palavra *Ecurria* advém da junção das palavras *equus* (subst.) + *cursus* (subst.) ou *curro* (verbo): [*Ecurria ab equorum cursu. Eo die enim ludis currunt in Martio campo*] (VARRO, *De Lingua Latina*, VI, 13). [*Ecurria comes from the equorum cursus 'running of horses'. For on this day, they currunt 'run' at the games on the Campus Martius.*] (Trans. Wolfgang David Cirilo de Melo).¹¹ Paulo Festo, por sua vez, destaca que a corrida foi instituída pelo próprio Rômulo e complementa a informação, mais adiante, no verbete *Martialis Campus*, que essas evoluções poderiam acontecer em um espaço no Monte Célio quando as águas do Tibre, por ventura, inundavam as paragens do Campo de Marte (FESTO, *De Verborum Significatu*, entrada: *Martialis Campus*).

Cristopher M. McDonough (2013, p. 2473-2474), no verbete escrito para a *Encyclopedia of Ancient History*, argumenta que o festival das Equírrias guarda uma relação de proximidade com os ritos do *Equus October*. Especificamente, sobre este último festival, Natan Henrique Taveira Baptista (2015, p. 104) assinala que o evento ocorria “ao final da temporada militar e da colheita, tendo assim um duplo significado: militar e religioso”. O rito acontecia ao término da corrida, com o sacrifício do cavalo perdedor em tributo a Marte.

Acerca desse rito, Baptista (2015, p. 104) diz o seguinte: “ao final das corridas de cavalos, ainda comemoradas no Campo de Marte, fora do *pomerium*, o cavalo que estava à direita da *factio* vencedora era sacrificado com uma lança ritual, *flamen Martialis*, pelo sacerdote do templo de Marte em honra a este deus”, cada parte do cavalo sacrificado era colocada em um local da cidade com intuito de trazer boa colheita e uma boa campanha militar, no entanto, o sacrifício de cavalos era atípico em Roma. De acordo com Bennett C. Pascal (1981, p. 263), no artigo *October Horse*, “esse rito foi o único exemplo de sacrifício de cavalos na religião romana; foi altamente incomum, pois os romanos geralmente só sacrificavam animais que faziam parte de sua dieta”.

Um aspecto interessante do exército romano diz respeito aos instrumentos sonoros utilizados no campo de batalha. Como afirmam os historiadores M. C. Bishop e J. C. N. Coulston (2006, p. 115), “uma variedade de instrumentos musicais foi usada pelo exército

¹¹ ‘Ecurria advém de *equorum cursus* ‘corrida de cavalos’, pois neste dia eles correm, *currunt*, nos jogos oferecidos em honra a Marte’. Tradução nossa.

romano, incluindo o *cornu*, a *tuba* e a *buccina*"; tendo cada instrumento uma função única no auxílio do exército. O historiador Rodney M. Cross (2013), em seu texto "Bold as brass: 'brass instruments' in the Roman army", traz informações de como estes instrumentos sonoros funcionavam como mecanismos essenciais na movimentação tática das tropas no campo de batalha. Em relação ao *Cornu*, o autor o define como um instrumento em formato de chifre, moldado em bronze, sobre o qual o próprio Ovídio vem a se referir como um "chifre de bronze curvo" (OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, v. 98; CROSS, 2013, p. 04).

No exército os *Cornicines* eram os encarregados de avisar os portadores de *signa*¹² para se movimentarem. Em relação à *buccina* existem algumas confusões acerca de sua tipologia, logo, Cross (2013, p. 5) diz o seguinte: "Há uma falta de clareza associada na erudição moderna em torno das definições e tipologia dos termos *buccina* e *lituus*, em parte devido a um grau de ambiguidade dentro da tradição literária primária.". Porém, Cross (2013, p. 05) traz alguns autores para tentar elencar possíveis explicações: "Plínio descreve a *bucina* como sendo feita da concha *bucinum* (Plin. NH 9.103), enquanto Smith afirma que o termo grego concha (ΚΟΥΧΕ) é usado para denotar este instrumento em vários textos gregos".

No exército, quem tocava este instrumento eram os *bucinatores*. João Gouveia Monteiro (2009, p. 434) destaca que estes instrumentos eram utilizados, "para o despertar e durante a batalha, dando também o sinal para a travessia de um rio". Yan Le Bohec, baseando-se em Amiano Marcelino (330 d.C. - 400 d.C.), percebe que este historiador da Tardo Antiguidade, ao destacar em sua narrativa que uma batalha estava prestes a começar, se limitava a dizer *bellicum canentibus bucinis*, ou seja, "o sinal de ataque [provocado, despertado], pelas sonoras trombetas", que já traduzia para todos do exército que a batalha estava a caminho (LE BOHEC, 2006, p. 88 *apud* MONTEIRO, 2009, p. 434).

Já a *tuba* possui o formato de um instrumento cilíndrico, porém reto, se assemelhando muito às trombetas utilizadas atualmente. Em relação aos diferentes nomes que as tubas tinham, Cross (2013, p. 04) aproveita para trazer uma informação em relação aos autores gregos, o historiador diz o seguinte: "Os antigos autores gregos referem-se a este instrumento como *salpinx* (σάλπιγξ), mas a origem deste instrumento parece ser a mesma da tuba, em vez de ser uma variante grega distinta.". No exército ela era utilizada "para o assalto ou para a retirada das tropas em combate, mas também o sinal de partida do acampamento, sendo ainda utilizada nas cerimônias sagradas" (LE BOHEC, 2006, p. 51-52 *apud* MONTEIRO, 2009, p. 434). Vale destacar que a pessoa que ficava responsável por tocar as tubas no exército era o

¹² *Signa* ou *Signum*, era uma marca ou estandarte que distinguia as divisões do exército romano (FARIA, 1962, p. 921).

Aeneator ou *Tubicines*. Michel Mendes (2010, p. 68) traz algumas informações sobre esse instrumentista em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Os Sentidos da Música na Roma Antiga*:

Aeneator é uma palavra para se referir ao trombeteiro. Possivelmente, faz menção ao material do qual eram feitos os instrumentos bélicos romanos. Do substantivo *aes, aeris* (bronze, cobre, metal), temos o adjetivo *aeneus, a, um* (brônzeo, de metal, feito de bronze, etc.), assim fica clara a ligação de *aeneator* com essas palavras.

Nos *Fastos*, são encontradas duas festas dedicadas ao começo e ao fim das campanhas militares, cujo principal objetivo era a purificação das tubas romanas, festa conhecida como Tubilústrias. A primeira festividade ocorria em 23 de Março, logo após as Quinquatrias¹³, acontecendo a purificação desses instrumentos no quinto dia da festa em sacrifício a Minerva. Essa afirmação pode ser verificada no seguinte trecho:

[*Summa dies e quinque tubas lustrare canoras
admonet et forti sacrificare deae.*] (OVÍDIO, *Fastos*, III, v. 849-850),
[O quinto dia é o de lustrar canoras tubas, de prestar sacrifício à forte deusa.] (Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior).

Cumprido destacar que o verbo latino, *lustrare* acima traduzido por “lustrar” tem o sentido de purificação (por meio de sacrifícios) e não o de limpar ou polir as tubas (FARIA, 1962, p. 576). Segundo o verbete do *Oxford Latin Dictionary* sobre as Tubilústrias, o significado de purificação prevalece novamente, festa em que eram purificadas as trombetas sagradas (GLARE, 1968, p. 1983). No mês de Maio acontecia a segunda festa das Tubilústrias só que, dessa vez, em homenagem a Vulcano, que recebe esse tributo no dia 23 de maio e marca o fim da campanha militar romana. Ovídio afirma que:

[*Proxima Volcani lux est, tubilustria dicunt:
lustrantur purae, quas facit ille tubae.*] (OVÍDIO, *Fastos*, V, v. 725-726)
[Próximo dia é de Vulcano – as Tubilústrias,
quando purificadas são as tubas.] (Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior).

A vinculação deste duplo evento às Quinquatras de Minerva (março) e ao dia de Vulcano (junho), pode guardar alguma relação com os artífices que fabricavam esses e outros instrumentos sonoros utilizados tanto na guerra como também nos sacrifícios das vítimas. Paulo Festo na obra *De Verborum Significatu* destaca o seguinte: [*quibus diebus adscriptum in fastis est cum in atrio sutorio agna tubae lustrantur*] (FESTO, *De Verborum Significatu*, entrada: Tubilustria). [foram inscritos nos fastos as tubilústrias nesses dias em que no pátio dos sapateiros (*atrium sutorium*) são purificadas as trombetas com uma ovelha] (Trad. Maria

¹³ As chamadas Grandes Quinquatras eram festas em honra a Minerva realizadas cinco dias após os idos de Março (FARIA, 1962, 835).

Lucília Ruy). Varrão oferece a mesma informação acerca do *atrium sutorium*, espaço no qual o cerimonial era performado: ‘*dies tubilustrium, appellatur quod eo die in atrio sutorio sacrorum tubae lustrantur*’ (VARRO, *De Lingua Latina*, VI, 14). Infelizmente, não existe qualquer vestígio epigráfico ou literário sobre a localização deste átrio na topografia urbana de Roma (RICHARDSON, 1992, p. 42).

Christopher Smith (2013, p. 728-729), a respeito das duas festas afirma: “esta duplicação pode ser explicada apenas por conjecturas modernas, mas conclui-se, coletivamente, no entanto, a evidência para uma série de rituais voltados para a celebração do ciclo da campanha romana é indiscutível”. Todavia vale ressaltar que o pesquisador Jörg Rüpke traz uma nova conjectura para as Tubilústrias, que é apontada por John Scheid (2003, p. 51) no seguinte trecho: “Jörg Rüpke sugeriu recentemente que, em vez de festivais militares, eles estavam conectados à estrutura real do mês: como os Nonos e os Idos, eles eram originalmente dias cruciais na segunda metade do mês”.

Para Rüpke (2011, p. 28-29) dentro da mecânica do calendário religioso republicano, a função das Tubilústrias, um *nundium* depois dos Idos (lua cheia) de cada mês, seria assinalar o evento da lua minguante, marcado pelo sacrifício de uma ovelha branca e do soar das trombetas sagradas.¹⁴ Esta interpretação é reforçada pela própria polissemia da palavra *tuba* nas fontes latinas que, além do instrumento de uso militar, pode designar a trombeta soprada durante os sacrifícios (conhecida como *tubus -i*), além do mais, a tuba aparece entre os instrumentos sonoros entoados durante as procissões fúnebres (GLARE, 1968, p. 1983). Entretanto, associar as festas das Tubilústrias ao início do ciclo bélico é a interpretação mais aceitável entre os historiadores.

Convencionalmente, esta festividade é relacionada com outro festival romano de purificação que acontecia em 19 de Outubro: o *Armilustrium*, ‘o dia da purificação das armas’, quando os Sálios dançavam em volta dos escudos sagrados, *ancilia*, e um sacrifício era realizado em honra de Marte (SMITH, 2013, p. 728; SCHEID, 2003, p. 51). Uma vez que as Tubilústrias e as Equírrias marcavam o início do ciclo militar, em um período de transição do inverno para a primavera, o *Armilustrium* assinalava o seu encerramento, permitindo a purificação dos soldados que retornavam das campanhas contra os inimigos. Esta cerimônia lustral ocorria, anualmente, em um perímetro do monte Aventino que deu nome a uma das

¹⁴ A primeira edição da obra de Rüpke, intitulada, *Kalender und Öffentlichkeit: Die Geschichte der Repräsentation und religiösen Qualifikation von Zeit in Rom*, data de 1995. Neste artigo utilizamos a tradução para o inglês pela Willey-Blackwell Publishers de 2011.

vielas da região, o *vicus Armilustri*, situado nas imediações da Basílica de Santa Sabina (RICHARDSON, 1992, p. 39-40; TITO LÍVIO, XXVII, 37, 04).

Muitas dúvidas permanecem acerca de como ocorria a purificação dos soldados quando voltavam das campanhas uma vez que retornavam com suas armas maculadas pelo sangue inimigo, então muito se fala de sacrifícios e rituais festivos.

Considerações Finais

Em vista dos argumentos observados, os *Fastos* de Ovídio trazem pistas fundamentais para a compreensão da mecânica do calendário cívico-religioso, uma vez que neste poema didático encontramos uma vasta quantidade de elementos de marcação do tempo acerca da relação dos romanos com os deuses e as *res divinae*. Dessa maneira, percebe-se que o calendário foi responsável por guiar a sociedade romana no que diz respeito à contagem dos dias, o ciclo das estações e, além do mais, o momento correto da realização dos ritos e festas da cidade. Considerando que o poema calendário descreve uma miríade de festividades e ritos, indo daquelas do ciclo agrário até as festas cívicas, se mostrou necessário um recorte, no qual concordamos em mirar nossa atenção para as festas que inauguram a temporada do ciclo bélico. Por meio das festividades propiciatórias e ritos de purificação, envolviam-se recursos, planejamento e vários afetos, no sentido do conceito de festa delimitado por Norberto Luiz Guarinello.

Buscava-se, assim, cooptar a atenção e o favor dos deuses para os empreendimentos humanos. Realizadas no Campo de Marte, as Equirrías consistiam em jogos de exercitação e preparação dos cavalos de guerra, tendo em vista o cenário do início da primavera e a estação das campanhas militares. Sobre as Tubilústrias foi ressaltada a importância da purificação das *tubae*, instrumentos sonoros que, assim como a *bucina* e o *cornu* desempenhavam um importante papel nas instruções dadas às cohortes e centúrias da legião. A primeira etapa da festa guardava qualquer relação com as festividades dedicadas à Minerva – as Quinquátrias Maiores – sendo ela a deusa da estratégia militar e dos ofícios manuais. Por sua vez, a segunda Tubilústria acontecia no dia de celebração do deus Vulcano, divindade tutelar dos ofícios que envolviam o trabalho com metais. É plausível supor que esta cerimônia de purificação se relacionava com *Armilustrium* de Outubro que, justamente, encerrava o ciclo de hostilidades e campanhas militares na Roma Antiga tanto quanto a cruenta cerimônia do *Equus October* denota qualquer relação de proximidade com as Equirrías. Vale ressaltar ainda que os *Fastos* de Ovídio, por se tratarem de uma seleção de festas e ritos, dispostos na estrutura de um poema

didático, revelam algo da experiência e observação do poeta, inserido em seu espaço de experiência.

THE FESTIVITIES AND THE INAUGURATION OF THE MILITARY CYCLE IN THE ROMAN CALENDAR: AN ANALYSIS OF EQUIRRIA AND TUBILUSTRIA IN THE FASTI OF OVID (1ST CENTURY AD)

Abstract: Composed in elegiac couplets, Ovid's *Fasti* provide valuable information about the rites and festivities in ancient Rome which are, conventionally, divided between the festivities of the agrarian cycle, civic festivities and those of a warlike nature. Understood as a didactic poem, the text mixes technical information with amusing mythological excursus by portraying the etiology of Roman festivals, temples and rituals. This article focuses on the issue of festivities, especially those of the martial cycle (*Equirria* and *Tubilustria*) which put in evidence the ritual devices of preparation for war, in addition to problematizing Ovid's poetic constructions in the description of these religious ceremonies.

Keywords: Festivities. Roman calendar. War Cycle. Ovid. *Equirria*. *Tubilustria*.

LE FESTE E L'INAUGURAZIONE DEL CICLO MILITARE NEL CALENDARIO ROMANO: UN'ANALISI DI EQUIRRIA E TUBILUSTRIA NEI FASTI DI OVIDIO (I SECOLO D.C.)

Riassunto: Composti in distici elegiaci, i *Fasti* di Ovidio forniscono preziose informazioni sui riti e le feste nell'antica Roma che sono, in generale, divisi tra le feste del ciclo agrario, le feste civiche e quelle di aspetto marziale. Caratterizzato come un poema didattico, il testo mescola informazioni tecniche con divertenti excursus mitologici raffigurando l'eziologia delle feste, dei templi e dei rituali romani. Questo articolo si sofferma sul tema delle feste, in speciale quelle del ciclo marziale (*Equirria* e *Tubilustria*) che mettono in evidenza gli espedienti rituali di preparazione alla guerra, oltre propone di investigare le costruzioni poetiche di Ovidio nella descrizione di queste cerimonie religiose.

Parole chiave: Feste. Calendario romano. Ciclo di guerra. Ovidio. *Equirria*. *Tubilustria*.

Referências

Fontes

RUY, Maria Lucília. **De Verborum Significatu:** Análise e Tradução. 2012. V. 1. 408 f. Tese. (Doutorado em Letras Clássicas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. (2 Vol.)

JOHANNES LYDUS. **The Months.** Translated by Mischa Hooker for Roger Pearse. Chicago: Chicago University, 2012. Disponível em: <<https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Lydus/de_Mensibus/home.html>>. Acesso em 14 de junho de 2022.

OVÍDIO. **Fastos.** Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OVID. **Fasti**. Transl. James George Frazer. Harvard: Harvard University Press, 1989.

OVIDIO. **I Fasti**. Trad. Luca Canali. Milano: Bur Rizzoli, 2011.

VARRO. **De Lingua Latina**. Introduction, Text, Translation, and Commentary. Ed. Wolfgang David Cirilo de Melo. Oxford: Oxford University Press, 2019.

Bibliografia

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. **A glória atlética entre o desejo e a censura: spectaculum, conflito urbano e representação corporal do auriga na África romana (Séc. III-IV)**. 2015. 386 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BELTRÃO, Claudia. Religião na Urbs. In: SILVA, Gilvan Ventura; MENDES, Norma Musco. **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, EDUFES, 2006. pp. 137-160.

BELTRÃO, Claudia. Guerra, direito e religião na Roma tardo-republicana: o ius fetiale. In: _____. **História militar do mundo antigo: guerra e representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

BISHOP, M. C., COULSTON, J. C. N. **Roman military equipment: From the punic wars to the fall of Rome**. Oxford: Osbow Books, 2006.

BOMCQUE Henri. **Tristes**. Texte établi et traduit par _____. Paris, Les Belles Lettres, 1968.

BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha. 'Lemúria, Apaziguando os Mortos Malfazejos na Roma Antiga', *Phoenix*, Rio de Janeiro, n° 20, p. 109-128, 2014.

COELHO, Ana Lucia Santos. *Naso Magister erat: A biografia de Públio Ovídio Naso*. **Revista Mundo Antigo**, Ano V, v. 5, n° 11, p. 37-46, 2016.

CROSS, Rodney M. **Bold as brass: 'brass instruments' in the Roman army**. Macquarie Matrix: Special edition, ACUR 2013.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a história. In: _____. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

EVANS, James. **The History and Practice of Ancient Astronomy**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães. O dístico elegíaco latino em português: uma proposta de tradução. **Caderno de literatura em tradução**, v. 10, p. 71-79, 2009.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Campanha nacional de material de ensino, 1962.

FUCECCHI, Marco. Note. In: OVIDIO. **I Fasti**. Trad. Luca Canali. Milano: Bur Rizzoli, 2011.

GOUVEIA JÚNIOR, Márcio Meireles. Introdução: In: **Fastos**. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

- GLARE, P. G. W (Ed.). **Oxford Latin dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- GRADEL, Ittai. **Emperor Worship and Roman Religion**. Oxford: Claredon University Press, 2002.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 5ª edição. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. “Festa Trabalho e Cotidiano”. In: JANCSÓ, Itsvan; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MCDONOUGH, Christopher. Equirria. In: BAGNALL, R. S; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A.; HUEBNER; S. R (Eds.). **The Encyclopedia of Ancient History**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013. p. 2473–2474.
- LE BOHEC, Yann. **L’Armée Romaine sous le Bas-Empire**. Paris, Picard, 2006.
- MARQUES, Manuel Nunes. Origem e evolução do nosso calendário. **Helios: Jornal Eletrônico** publicado pelo Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra, 2000. Disponível em: << <https://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm> >> Acesso em: 05 jun. de 2022.
- MENDES, Michel. **Os Sentidos da Música na Roma Antiga**. 2010. 140 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- MENDES, N. M.; BORGES, A. S. Os Calendários Romanos como Expressão de Etnicidade. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 77-99, 2008.
- MOURA, Fernanda Messeder. Para uma tradução em verso do dístico elegíaco: Propércio, I, 14. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. XIX, p. 53-72, 2007.
- OLIVEIRA, José Luís Brandão Francisco. **História de Roma antiga volume II: império e romanidade hispânica**. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- PASCAL, C. Bennet. October Horse. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 85, p. 261-291, 1981.
- RAIMUNDO, Mariana de Matos Ponte. A consolidação da identidade cristã no século IV d.C. **Cantareira**, Niterói, v. II, p. 132-147, 2015.
- MONTEIRO, João Gouveia. Estudo Introdutório, Comentários e Notas. In: VEGÉCIO. **Compêndio da arte militar**. Trad. MONTEIRO, João Gouveia; BRAGA, José Eduardo. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- REQUENA JIMÉNEZ, M. Prodigies in Republican Rome. The Absence of God. **Klio**, n. 100 (2), 2018, p.480-500.
- RICHARDSON, L. **A New Topographical Dictionary of Ancient Rome**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.
- RÜPKE, Jörg. **The Roman Calendar from Numa to Constantine: time, history and the fasti**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2011.

SANTANGELO, F. D. Pax Deorum and Pontiffs. In: RICHARDSON, J. H.; SANTANGELO, F. (Eds.). **Priests and State in the Roman World**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2011, p.161-186.

SCHEID, John. **An introduction to roman religion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

SCHEID, John. **La Religión em Roma**. Madri: Ediciones Clásicas Madrid, 1991.

ŠEVČÍKOVÁ, Tereza. The didactic strategy in Germanicus' translation of Aratus Phenomena. **Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungarica**, n. 56, Budapest, 2016, pp. 449–458.

SILVA, S. B. **Os prodigia e a pax deorum**: uma análise da *supplicatio* expiatória em *Ab vrbe condita libri* de Tito Lívio (século I a.C.). 2019. 230 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SMITH, Christopher J. Armilustrium, Tubilustrium. In: BAGNALL, R. S; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A.; HUEBNER, S. R (Eds.). **The Encyclopedia of Ancient History**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013. p. 2473–2474.

SOARES, Maria Lia Leal. **Ovídio e o poema calendário? Os fastos, livro II, o mês das expiações**. São Paulo: USP, 2007.

TREVIZAM, Matheus. **Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Thiago Eustáquio Araújo Mota é doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); docente da Universidade de Pernambuco (UPE).

João Victor Medrado Silva é graduando em História pela Universidade de Pernambuco (UPE); bolsista de Iniciação Científica do Programa de Fomento Acadêmico (PFA) da Universidade de Pernambuco (UPE).

Recebido em 06/07/2022

Aceito em 02/12/2022